

Sophia: uma presença real

Isabel Cristina Mateus
University of Minho/CEHUM (Portugal)

No ano em que se assinala o centenário do nascimento de Sophia de Mello Breyner Andresen e as comemorações se têm sucedido um pouco por todo o país (e mesmo fora do país), a Universidade de Aveiro não poderia deixar de lembrar e prestar homenagem a uma das escritoras mais marcantes da língua portuguesa no século XX cujo nome ficou para sempre ligado a esta Academia.

Sophia é, desde 1998, *Doutora Honoris Causa* da Universidade de Aveiro, num justo reconhecimento daquilo que foi o seu percurso como poeta e do modo como a sua obra configura “*uma sumptuosa arte de ver que permanentemente se exerce como perseguição do real*”, é exemplo de uma acuidade e vigilância críticas que, no dizer de David Mourão-Ferreira, traduzem uma “*rara exigência de essencialidade*”, ou ainda pelo modo como nesta obra se conjugam exercício estético e imperativo ético. O que a poesia de Sophia celebra, — diz-nos o texto de fundamentação deste Doutoramento— “*é a dignidade de ser e a justeza do julgar*”. Saberes e valores que convergem com os defendidos pela Universidade de Aveiro, muito em particular.

Se a presença de Sophia é uma **presença real** e afectiva na memória da Universidade que a acolheu como um dos seus, ela não deixa de ser igualmente uma presença real na memória colectiva de todos nós. Porque “*todos nós*” fomos, de um modo ou de outro, tocados pela palavra de Sophia. Porque ela faz parte do nosso universo familiar, para lá das fronteiras temporais ou geográficas, das diferenças sociais, culturais, morais ou ideológicas. Para lá de todas as diferenças. Sophia é o lugar de um invulgar ecumenismo, dir-se-ia, de uma quase mitificação. Há neste nome uma aura única, intocável, que parece resistir aos ventos dessacralizadores da modernidade, congregando tudo e todos à sua volta. Mesmo se a sua exigência e intransigência ética e cívica, o seu imperativo de transparência nunca lhe fizeram vacilar a coragem ou deixaram margens para dúvidas sobre o modo de estar no mundo da mulher e cidadã. O país que se tem multiplicado em homenagens a Sophia é o mesmo país que, salvo

duas ou três exceções, continua a ignorar um poeta ácido como Jorge de Sena, nascido quatro dias antes da escritora que viria a ser a sua grande amiga: o ecumenismo em torno de Sophia avulta ainda mais de um contraste que vem de longe, como ela própria aponta no belíssimo documentário *Sophia, na Primeira Pessoa*, de Miguel Mozos, um dos objectos mais notáveis deste ano comemorativo.

É a presença real de Sophia na nossa memória literária e cultural que gostaria de sublinhar aqui, pedindo emprestada a expressão a um conhecido ensaio de George Steiner. Steiner fala de “presenças reais”, no plural, a propósito da interpretação das obras de arte e, naturalmente, dos textos literários, chamando a atenção para o nosso humano, demasiado humano, confronto com a alteridade da presença das criações artísticas; com o modo como um poema, um quadro, uma composição musical nos interpelam, nos desafiam, afirmam a sua “transcendência” recusando a finitude de qualquer sentido. A presença real de Sophia na nossa memória cultural e literária vai para além desse confronto interpretativo, faz-se sentir no modo como convoca, interroga e dá a ver a presença do real, nos acorda para o esplendor do mundo e da palavra.

A este respeito, se me permitem, gostaria de trazer aqui um testemunho pessoal. A memória de um longínquo sábado de manhã que haveria de mudar para sempre o rumo da minha vida. Não recordo o mês; por certo, uma manhã de Primavera na cidade fria e cinzenta da minha infância. Lembro-me de um raio de sol. De um raio de sol a entrar pela janela da sala de aulas, desenhando no ar um cone dourado de poeira que se dirigia para um livro nas mãos da professora, em cujas capas se destacavam motivos e letras em tons de vermelho. Lembro-me de flocos minúsculos de ouro, dançando no ar, uma espécie de neve (que eu tão bem conhecia), só que em vez de branca, dourada, cor de fogo, como se do livro saísse um fogo mágico de palavras.

Aos sábados, era dia de histórias e de brincadeiras na escola. Eu gostava de jogos de roda, de saltar à corda, de correr em liberdade. Mas o meu maior prazer era desaparecer sem que ninguém desse conta, fugir para um pequeno terreno contíguo à escola e ficar sozinha a ler, sob a sombra e o cheiro dos pinheiros, o livro que trouxera escondido. Aprendera a ler antes de ir para a escola, pelo que muitas das histórias que a professora contava me eram familiares. Mas não aquele sábado. Naquele sábado, uma história mudou a minha vida. A história de uma fada que tomava conta de uma floresta

e dormia num tronco de carvalho. Uma fada boa que cuidava dos animais, das pessoas e das plantas. E encantava a noite de um poeta. Até que um dia vê a sua imagem reflectida nas águas de um rio e se apaixona por essa imagem.

À medida que a professora ia contando a história de Oriana, o castigo da rainha das fadas, a falsa amizade de um peixe, eu ia sendo tomada de encanto. De encanto pelas palavras onde pela primeira vez pressentia uma densidade desconhecida, uma ressonância de búzio, um mistério para lá do que era dito, como se elas fossem ditas por muitas outras vozes vindas do tempo que eu mal podia identificar. Fiquei presa desse mistério, dessa música, desse fogo. Naquele sábado, eu descobria, sem o saber, o apelo da literatura que viria a ser a minha vida.

Sophia, a autora da história que me encantou, afirma o seguinte em “Arte Poética III”: *“a coisa mais antiga de que me lembro é dum quarto em frente do mar dentro do qual estava, poisada em cima duma mesa, uma maçã enorme e vermelha. Do brilho do mar e do vermelho da maçã erguia-se uma felicidade irrecusável, nua e inteira. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a própria presença do real que eu descobria”*. A coisa mais antiga de que me lembro, diria eu, é da janela duma sala de aula, de um cone de poeira dourada sobre um livro de onde saíam, dançando no ar, palavras em fogo. Não era nada de fantástico, não era nada de imaginário: era a presença do real e o enigma da palavra que eu descobria. Um chamamento ao qual não podia ficar indiferente.

Lembro-me de nesse dia ter pedido à minha mãe o livro de Sophia. Poucos dias depois, quando ela me ofereceu “A Fada Oriana”, esperei ansiosa pela noite para que ninguém perturbasse o sortilégio. Escondida sob os lençóis, à luz de uma lanterna, li o livro de Sophia num ritual simultaneamente transgressor e sagrado. Tal como fazia para o poeta, foi para mim que Oriana encantou essa noite. Nunca mais esqueci esse deslumbramento. Nunca mais senti outro igual, mesmo se depois, ao longo dos anos, outros livros me mantiveram desperta noite fora ou me acompanharam pelas manhãs nas várias salas e lugares do mundo. Sem este encontro inicial com Sophia, a menina que se escondeu sob os lençóis e durante muito tempo assinou cadernos com o nome de Oriana não teria sido a professora de literatura que veio a ser e presta aqui hoje a sua mais sentida homenagem e público reconhecimento de gratidão à escritora.

Estou segura que o meu testemunho pessoal, com uma ou outra nota variante, poderia ser partilhado por muitos outros leitores de Sophia. Por várias gerações de leitores. Poetas como Fiama e Ana Luísa Amaral, deram também elas testemunho desse encontro: a primeira com os versos de *Coral*; a segunda, com *O Cavaleiro da Dinamarca*, aos 9 anos, cuja leitura a resgatou da “tristeza dos exilados” que a invadira ao chegar ao Norte: “*Não precisei de fazer qualquer esforço para escutar a música da sua escrita*”, confessará. Sophia marca-nos desde muito cedo, é presença quotidiana, familiar e real nas nossas vidas, desde a infância. Faz parte de nós. De um modo ou de outro, de um modo mais próximo ou mais distante, acompanha-nos. Não há muitos escritores de quem se possa dizer o mesmo.

Muito se tem dito e escrito sobre Sophia por estes dias e não serei eu a pretender acrescentar aqui algo de novo nem seria este o lugar para o fazer. Sublinho todavia a coerência da sua escrita que vai muito para além da obra poética e abrange todos os géneros que cultivou, do ensaio à poesia. Histórias como *A Fada Oriana*, *A Menina do Mar*, *O Rapaz de Bronze*, entre outras, merecem ser lidas não como um universo à parte, destinado a um público infanto-juvenil —ou talvez, mais modernamente, *cross-over*—, mas como pórtico de entrada na obra poética da escritora. Estas histórias não podem deixar de ser interligadas com a obra poética de Sophia, não apenas porque nelas encontramos muitos dos temas e motivos que a caracterizam (o mar, a dança, o jardim) ou porque algumas frases são autênticos versos escondidos (escandidos), mas porque elas se configuram como autênticas “artes poéticas”, a acrescentar às quatro que conhecemos, publicadas de forma dispersa em vários volumes, hoje reunidas na *Obra Poética*, organizada por Carlos Mendes de Sousa.

A presença real de Sophia manifesta-se ainda na memória dos poetas que foram (e são) seus leitores e no diálogo intertextual que estes mantêm com a sua poesia: Jorge de Sena, João Cabral de Melo Neto, Eugénio de Andrade, Vasco Graça Moura, Herberto Helder, Armando Silva Carvalho, Adília Lopes, são apenas alguns desses exemplos. Para não falar de ensaístas, de pintores, músicos, encenadores, actores, realizadores, e de tantos outros olhares que no mundo da cultura se cruzaram um dia com o olhar de Sophia. Creio, porém, que uma das marcas mais visíveis da sua presença real na nossa memória colectiva, quarenta e cinco anos decorridos, é o modo como não conseguimos

pensar na madrugada de 25 de Abril de 74, desse “*dia inicial inteiro e limpo/onde emergimos da noite e do silêncio*”, sem a exactidão dos versos de Sophia. Ou sem a pintura de Maria Helena Vieira da Silva, “A Poesia está na Rua”, em diálogo com a poesia de Sophia. Do mesmo modo que a desilusão pós-revolução acorda em nós a música de um cego que Sophia escuta ao descer a rua, a “lamúria pegajosa” de um fado, retomado como um destino, depois dos avantes brevemente cantados de Abril.

A palavra poética de Sophia devolve-nos à pureza de um mundo acabado de criar e à con-vivência com as coisas: o mar, o vento, a casa, o jardim, a maçã pousada sobre a mesa, uma ânfora de barro numa loja de Lagos. Religa-nos a um mundo que “*pode ser um habitat mas não é um reino*” porque reino “*é só aquele que cada um por si mesmo encontra e conquista, a aliança que cada um tece*” (Arte Poética, I). Ensina-nos a olhar o mundo, a interrogar o nome das coisas e a estar atentos à sua espantosa imanência. Os poemas de Sophia são afinal aqueles grandes óculos escuros com que a poeta aparece em muitas fotografias, uma lente de aumentar sem a qual os nossos humanos olhos não conseguiriam ver. Como se, nas palavras certeiras de Isabel Cristina Rodrigues, “fora da lupa maior da poesia, carregássemos sobre o nariz uma lente inevitavelmente cega para a precisão focal do mundo e que só a estudada dioptria da palavra poética pode, de facto, dar a ver”. A poesia de Sophia ensina-nos a escutar a fala do mundo, isto é, o poema, como aquele que Sophia escuta ao ouvir Helena Lanari dizer “coqueiro” em português do Brasil: “Quando Helena Lanari dizia o “coqueiro”/O coqueiro ficava muito mais vegetal”. A poesia de Sophia ensina-nos a estar atentos aos outros, às sombras dos muros, à ressonância das ruas, das cidades e dos quartos, mas também a sentir os cheiros do mundo, o perfume da tília ou dos orégãos. A poesia de Sophia pode ser, como notou Herberto Helder, “um parêntesis paradisíaco na nossa experiência quotidiana”. Mas a sua exigência ética faz dela um poderoso grito contra o medo, a injustiça, a crueldade, contra todas as formas de desigualdade ou de egoísmo, contra os vários Minotauros insaciados e insaciáveis. “Aquele que vê o espantoso esplendor do mundo é logicamente levado a ver o espantoso sofrimento do mundo”, afirma em *Arte Poética III*.

Neste ano em que celebramos Sophia, acende-se uma luz de esperança. Possa o re-encontro com a sua escrita tornar-nos menos egoístas e mais solidários, menos indiferentes ao sofrimento do mundo e mais humanos. Cuidando da nossa floresta

comum, tal como Oriana fazia antes de se deixar encantar pela beleza da sua própria imagem e pela falsidade de um peixe.